

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

JEAN DEFRADAS — *Guide de l'étudiant helléniste*, Presses Universitaires de France, Paris, 1968, 157 pp.

O Prof. Jean Defradas, da Faculdade de Letras de Lille, é já bem conhecido de todos os helenistas pelas suas obras anteriores, entre as quais se salientam, além de *La Littérature Grecque* (collection «Armand Colin», 1960), edições com texto e comentário de *Plutarque, Le Banquet des Sept Sages* (coll. «Études et commentaires», XX, 1954) e *Les élegiaques grecs* (coll. «Erasmé», 1962). Ao dar-nos agora este renovado livro numa série de «Guides» presta talvez o seu mais útil serviço aos estudantes interessados pela cultura e literatura da Grécia Antiga. Fique bem assinalado que este *Guia* se destina apenas a estudantes universitários e pós-graduados. Não é, pois, um trabalho de iniciação, mas de ajuda para a investigação científica.

Após o prefácio (pp. 1-4) em defesa do valor da cultura clássica, e sobretudo do grego, no mundo moderno, faz, na introdução (pp. 5-12) uma crítica ao sistema universitário francês introduzido em 1966 no que se refere aos helenistas e expõe o objectivo deste livro, que não se destina a substituir o professor. O cap. I (pp. 13-24) é de carácter formativo e bibliográfico sobre a importância e métodos de tradução e retroversão. Igual orientação tem o cap. II (pp. 25-30) sobre o modo como se faz um comentário, indicando então as principais colecções de clássicos gregos. Em algumas normas sobre a investigação bibliográfica (cap. III, pp. 31-65) são-nos fornecidas as principais obras gerais sobre literatura, língua, lexicologia, etimologia, história da língua, dialectologia, gramática, estilística, métrica, história e civilização, religião e arte; e finalmente são indicadas enciclopédias, reportórios bibliográficos, revistas e catálogos. Ao manancial acabado de indicar segue-se (cap. IV, pp. 66-105) uma bibliografia *sumária* dos principais autores: questão homérica, Hesíodo, poesia arcaica, tragédia, história, filosofia e ciências, época alexandrina, período da dominação romana e literatura grega tardia (com exclusão do período bizantino e seguintes). Os últimos capítulos voltam a ser de orientação acompanhada de indicações bibliográficas sobre paleografia, história e estabelecimento dos textos (cap. V, pp. 106-112); papirologia (cap. VI, pp. 113-121); epigrafia (cap. VII, pp. 122-132) e arqueologia (cap. VIII, pp. 133-142). A obra é coroada por uma conclusão (pp. 143-146) sobre a investigação científica, pondo em especial relevo a necessidade de comparar a produção literária grega com as literaturas orientais, latina e modernas.

Impossível fazer aqui uma apreciação crítica de cada um dos capítulos. O trabalho de Defradas é utilíssimo, apesar de não pretender ser exaustivo em indicações bibliográficas. Indica, no entanto, os métodos de constante actualização. As obras de estudiosos franceses ocupam, como é natural, a primazia; a produção alemã ainda tem lugar de relevo; a inglesa já é menos apontada; aos classicistas italianos são ainda mais raras as referências; de Espanha e Portugal não nos lembramos de ter visto nada! Tal atitude não nos parece justa. Por exemplo, ao tratar de pintura, cerâmica e vasos (pp. 56-57) não seria favor mencionar Maria Helena da Rocha Pereira, *Greek Vases in Portugal* (Coimbra, 1962); ao indicar as edições globais de elegiacos e iambógrafos (pp. 76-77) seria de justiça incluir os dois volumes de Francisco R. Adrados (Barcelona, 1959); a par de O. Masson, deveria referir Walter de Sousa Medeiros, *Hipónax de Éfeso, I: Fragmentos dos Iambos* (Coimbra, 1961)

— com uma revisão recente (que só poderá ser posteriormente incluída) com o título de *Hippodactea* (Coimbra, 1969); mais adiante ao tratar explicitamente dos processos literários de Aristófanes (p. 90) teria também lugar o estudo de Américo da Costa Ramalho, *Διπλᾶ ὀνόματα no estilo de Aristófanes* (Coimbra, 1952). Página e meia (pp. 103-104) sobre Literatura Grega Cristã não chega para dar uma ideia da sua riqueza, variedade e beleza. O índice de assuntos (pp. 147-148) é manifestamente insuficiente, pois está longe de remeter para todos os temas tratados e que o leitor tem dificuldade em reencontrar.

J. G. F.

TORÉ JANSON — *Latin prose prefaces. Studies in literary conventions*, Almqvist & Wiksel, Stockholm, 1964, 180 pp.

O XIII volume dos *Studia Latina Stockholmiensia* é destinado a sistematizar os tópicos literários que aparecem nos prefácios latinos até ao século V p.C. Toré Janson completa assim, para as literaturas clássicas, os trabalhos que sobre tema semelhante consagraram à Idade Média, E. R. Curtius, nos *Beiträge zur Topik der mittellateinischen Literatur* (cf. volume dedicado a K. Strecker, *Corona Querneae*, Leipzig, 1941, pp. 1-14), nos *Mittelalter-Studien XVIII* (incluídos na *Zeitschrift für romanische Philologie*, LXIII (1943), pp. 225-274) e num capítulo da sua famosa obra *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, München, 1963, e mais recentemente G. Simon, nas *Untersuchungen zur Topik der Widmungsbriefe mittelalterlicher Gechichtschreiber bis zum Ende des 12. Jahrhunderts* (publicadas no *Archiv für Diplomatik*, IV (1958), pp. 52-119 e V-VI (1959-60), pp. 73-153).

Os elementos relativos aos prefácios gregos e latinos da Antiguidade encontram-se já reunidos de há muito por R. Graefenhain, *De more libros dedicandi*, Marburg, 1892; G. Engel, *De antiquorum epicorum didacticorum historicorum proemiis*, Marburg, 1910; e por J. Ruppert, *Quaestiones ad historiam dedicationis librorum pertinentes*, Leipzig, 1911.

Baseando-se nos testemunhos recolhidos por estes estudiosos e por outros investigadores, dá-nos T. Janson (pp. 14-24) um esboço sistematizado da técnica do prefácio na Literatura Grega, em vários géneros literários. Já então havia, para a oratória, modelos pré-estabelecidos e mesmo colecções de prefácios (pp. 16-17) a que o *rhetor* podia recorrer.

Embora só na I parte (pp. 27-113) o A. comece a tratar *ex professo* da Literatura Latina até Trajano, já antes (pp. 24-26) apreciara prefácios da *Rhetorica ad Herennium*, de Cícero e de Quintiliano. Na realidade, os retóricos latinos (pp. 27-64) inspiraram-se nos exemplos gregos, o mesmo se podendo dizer dos historiadores (pp. 64-83). É também objecto de análise o processo utilizado pelos escritores de manuais de agricultura (pp. 83-94) e por outros especialistas (pp. 95-100), bem como a atitude tomada perante o imperador (pp. 100-106). A partir de Séneca, o Antigo,

espalha-se o tipo do prefácio epistolar em prosa, principalmente na época dos Flávios (pp. 106-112).

A II parte do livro é consagrada ao exame dos *loci communes* nos prefácios tardios (pp. 113-161). Verifica-se então uma insistência monótona em tópicos que se foram acumulando ao longo dos tempos, tanto nos escritores profanos como cristãos. «Muito poucos prosadores latinos da época tardia escreveram algo verdadeiramente criador» nos seus prefácios. Entre as excepções a esta regra devem contar-se Santo Agostinho e Boécio (p. 160). Em *appendix* (pp. 162-168) é feito um comentário a dois textos gramaticais, um de S. Gregório Magno e outro de S. Gregório de Tours.

Após este resumo da apresentação dos temas, acompanhados de abundantes citações, parece-nos bem dar uma indicação dos principais tópicos literários dos prefácios: oferta do livro por meio de uma dedicatória; indicação de que a obra é escrita a pedido de alguém, para corresponder à sua amizade ou à sua imposição, tornando-se por isso um dever de obediência; confissão de incapacidade e pobreza de estilo, acompanhada de expressões de modéstia; pedido de benevolência; promessa de brevidade ao tratar o assunto, de que se fornece, por vezes, já breve notícia; declaração de que se trabalhou afanosamente, mesmo durante a noite; esperança de êxito, graças (sobretudo nos escritores cristãos) à assistência divina, às orações do impetrante e ao facto de que a eficácia da doutrina é maior que a da oratória; convite a que se aproveite só o melhor e desejo de que a leitura redunde em bem (como as abelhas fazem ao pólen das flores); recurso a citações de autores antigos ou da Bíblia em seu abono; pedido de correcção dos defeitos (mas por vezes proibição de que os copistas alterem o original).

O prefácio apresenta-se com frequência sob a forma de carta ao superior ou ao editor, com indicação de que se destina à publicidade. Mais raras são as manifestações de desejo de que os outros apreciem o trabalho feito, as remissões para obras futuras, as promessas de produzir uma narrativa agradável ou a inserção de elementos autobiográficos. As relações entre o autor e o homenageado não influem no género literário, mas são por vezes expressas em termos que indicam submissão, cortesia, delicadeza ou amizade.

É evidente que nem todos os tópicos acabados de enumerar aparecem num só prefácio. A obra de T. Janson tem o mérito de nos indicar quando cada um deles foi surgindo e quais os que se mantiveram com maior persistência. Obra de larga erudição, teve que recorrer a abundante bibliografia (pp. 169-177), embora nem todas as obras catalogadas se refiram directamente ao prefácio como género literário. Será vantajoso juntar, pela utilidade que oferece para uma parte do tema, o trabalho de A. R. Bastiaensen, *Le cérémonial épistolaire des chrétiens latins: origines et premiers développements* (publicado nos *Supplementa* (fasc. II, Noviomagi, 1964) da série *Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva*).

J. G. F.

Studi Petriani, Istituto di Studi Romani Editore, Roma, 1968, 141 pp.

Baseando-se apenas no poder civilizador do povo romano, os poetas da época áurea da Literatura Latina cantaram a glória e imortalidade de Roma. A meio do século V, um papa de sólida educação clássica, S. Leão Magno, afirmava, porém, referindo-se a Roma: «per sacram Petri sedem caput orbis effecta, latius praesideres religione diuina quam dominatione terrena» (*sermo* 82, in *Natale apostolorum Petri et Pauli*). Roma foi grande pela força política. Extinta esta, foi a Cristandade que de novo a pôs como centro do mundo civilizado.

Dentro deste espírito universalista se compreende que no ano lectivo de 1966-67 o Instituto de Estudos Romanos da Urbe promovesse uma série de conferências preparatórias do XIX centenário do martírio de S. Pedro. As lições magistrais proferidas durante esse curso foram reunidas no volume que temos presente.

Salvatore Garofalo tratou de *A tradição petriana no século I* (pp. 11-25), examinando as fontes neotestamentárias, os testemunhos de S. Clemente Romano e de Santo Inácio de Antioquia e até o dos escritos apócrifos de data incerta, mas que provavelmente remontam a fontes do I século.

José Ruyschaert expôs os dados principais sobre *O túmulo de Pedro. Considerações arqueológicas* (pp. 29-37). Apoiando-se nos dados fornecidos pelas excavações, cujo começo foi anunciado oficialmente por Pio XII em 1942, faz-nos acompanhar a marcha das construções que sobre a sepultura de Pedro se fizeram desde o século II até à actual basilica. Os elementos que mais põe em relevo são a basilica constantiniana (séc. IV) e o nicho de 150, chamado vulgarmente «troféu de Gaio».

Michele Maccarrone desenvolveu nestas páginas o seu estudo sobre *S. Pedro em relação a Cristo, segundo os mais antigos testemunhos* (pp. 41-101). Temos aqui, de relance, um quadro da Literatura Cristã, grega e latina, até ao século V, aplicável ao tema, que é fundamentalmente de carácter exegetico e doutrinário. O célebre passo do *Quo uadis* (pp. 52-53) é analisado dentro do seu contexto, tal como no-lo transmitem os apócrifos *Actos de Pedro*.

As lições sobre *Os Apóstolos Pedro e Paulo na mais antiga iconografia cristã* foram proferidas por Enrico Josi. Não tendo este podido fornecer o texto das suas preleções, dá-se-nos aqui (pp. 105-130) um estudo de Pasquale Testini sobre o mesmo tema. Explica-se o motivo porque a representação de figuras humanas foi retardada, entre os cristãos, até ao século III. Só a partir da paz de Constantino (313) a arte cristã pôde florescer. Até ao fim do século V conhecem-se 533 representações de S. Pedro e umas 150 de S. Paulo. O A. estuda e interpreta, baseado em larga documentação, as principais cenas, gravadas sobretudo em tampas funerárias.

As exposições de carácter arqueológico e iconográfico são ilustradas com 29 gravuras.

Numa revista de humanidades clássicas devemos pôr em realce, nesta proveitosa obra, a interpretação arguta de tantos textos latinos e gregos e o relevo dado às artes plásticas. Na sua exposição Maccarrone faz um breve estudo sobre o valor de *consortium* no latim clássico e no uso dos cristãos (p. 99). Mais que uma vez são apontadas considerações sobre o significado de 'Pedro': *rocha*. A este propósito poderia ter sido citado o livro de Dominique Ridolfi, *Simon Pierre, rocher biblique*